

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE *BULLYING* EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS

EPIDEMIOLOGICAL PROFILE OF ADOLESCENTS VICTIMS OF BULLYING IN PUBLIC AND PRIVATE SCHOOLS

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE JÓVENES VÍCTIMAS DE LA INTIMIDACIÓN EN ESCUELAS PÚBLICAS Y PRIVADAS

Emilly Anne Cardoso Moreno^I

Amanda Pereira da Silva^{II}

Galdência Amaro Ferreira^{III}

Felicialle Pereira da Silva^{IV}

Iracema da Silva Frazão^V

Ana Márcia Tenório de Souza Cavalcanti^{VI}

RESUMO: Estudo transversal, descritivo e exploratório com abordagem quantitativa, objetivou comparar resultados relativos ao perfil de adolescentes vítimas de *bullying* de escolas públicas e privadas. Foi realizado a partir do banco de dados da pesquisa intitulada *Transtornos do comportamento alimentar em escolares da cidade do Recife- PE*, na qual foram avaliados 1.507 estudantes da rede pública e privada de Recife-PE, com idade entre 10 e 14 anos e coleta de dados de agosto a dezembro de 2007. Neste estudo, foram avaliados os estudantes que se autodeclararam vítimas de violência verbal, tendo uma amostra de 558 escolares. Para análise dos dados utilizou-se média, desvio padrão e os testes Exato de Fisher e Qui-quadrado, e nível de significância de 5%. O *bullying* foi mais representativo no sexo feminino das duas instituições, porém a repetência mostrou-se mais presente nos estudantes de escola pública, e a dificuldade em fazer amigos, nos de escola privada.
Palavras-chave: *Bullying*; violência; adolescente; estudante.

ABSTRACT: Cross-sectional, descriptive and exploratory study, with quantitative approach, aimed to compare results related to the profile of adolescents bullied in public and private schools. It was performed from the database of a survey entitled *Disorders of eating behavior in school children in Recife-PE*, which evaluated 1507 students from public and private schools in Recife-PE, aged between 10 and 14 years and data were collected from August to December 2007. This study evaluated students who declared themselves victims of verbal abuse, taking a sample of 558 students. For data analysis, statistical medium, standard deviation, Fisher's exact test and chi-square test, were used, considering the significance level of 5%. Bullying was more severe in females of both, public and private schools. School failure was higher in public schools and difficulty on making friends was higher in private schools.
Keywords: Bullying; violence; adolescent; student.

RESUMEN: Estudio transversal, descriptivo y exploratorio con enfoque cuantitativo, con el objetivo de comparar los resultados del perfil de los adolescentes acosados en las escuelas públicas y privadas. Se realizó a partir de la base de datos de la encuesta titulada *Trastornos de la conducta alimentaria en escolares de Recife-PE*, en que fueron evaluados 1.507 estudiantes de escuelas públicas y privadas en Recife-PE, con edades entre 10 y 14 años y los datos recogidos de agosto a diciembre de 2007. Este estudio evaluó los estudiantes que se declararon víctimas de abuso verbal, tomando una muestra de 558 estudiantes. Para el análisis de datos se utilizó media, desviación estándar y los testes Exacta de Fisher y Chi-cuadrado, con nivel de significación del 5%. El acoso escolar es más frecuente en la mujer de las dos instituciones, pero el fracaso escolar estaba más presente en la escuela pública, y la dificultad para hacer amigos, en la escuela privada.
Palabras clave: Intimidación; violencia; adolescentes; estudiantes.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período do desenvolvimento humano compreendido entre 10 e 19 anos de idade, e esta faixa etária corresponde a 21% da população nacional^{1,2}. Nessa

etapa da vida, esses indivíduos passam por diversas mudanças hormonais e comportamentais as quais, se não vivenciadas com equilíbrio, refletirão negativamente na vida adulta³.

^IEnfermeira. Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco. Grupo de pesquisa - Saúde Mental e Qualidade de Vida no Ciclo Vital. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: emillymoreno@hotmail.com.

^{II}Enfermeira. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: amanda.pereira@hotmail.com.

^{III}Enfermeira. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: galdferer@gmail.com.

^{IV}Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco. Grupo de pesquisa - Saúde Mental e Qualidade de Vida no Ciclo Vital. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: cialle@hotmail.com.

^VEnfermeira. Doutora. Professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco. Grupo de pesquisa - Saúde Mental e Qualidade de Vida no Ciclo Vital. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: isfrazao@gmail.com.

^{VI}Enfermeira. Doutora. Professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco. Grupo de pesquisa - Saúde Mental e Qualidade de Vida no Ciclo Vital. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: anapopita@gmail.com.

Muitos esforços ao longo da história têm sido realizados para zelar pela saúde desse grupo, porém, na atualidade, percebe-se que a ameaça pode vir dos similares, inclusive no ambiente escolar, levando ao *bullying*⁴. Tal palavra de origem inglesa não tem tradução exata em português, mas equivale a zoar, ameaçar, humilhar, excluir, intimidar ou até mesmo difamar. A ação apresenta-se como relação assimétrica de poder referindo-se ao praticante do *bully*, palavra usada em inglês para traduzir comportamentos inoportunos como brigas, chateações, agressões verbais e/ou físicas, intencionais e repetitivas, sem motivação aparente, executadas por um ou mais estudantes contra colega(s) e resultando em prejuízos graves para os envolvidos⁴.

A submissão à violência pode causar graves problemas psiquiátricos, além de afetar a segurança pública. O *bullying* é considerado provável estimulador de delinquências, o que fere consequentemente o processo de socialização, aprendizagem e rendimento escolar; somado a isso, pode trazer prejuízo à saúde, podendo chegar a um desfecho trágico, como o suicídio⁴.

Caracterizar a população vítima de *bullying* é uma forma de direcionar ações de educação em saúde para o grupo em risco, em especial no ambiente escolar, melhorando a assistência à saúde. Diante disso, o presente estudo objetivou comparar resultados relativos ao perfil de adolescentes vítimas de *bullying* de escolas públicas e privadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na Europa, pesquisas sobre *bullying* intensificaram-se há mais de 10 anos, fato que permitiu identificar que esse fenômeno estava por trás de muitas tentativas de suicídio entre adolescentes, mas que não recebia atenção da escola ou dos pais, que geralmente classificavam as ofensas como brincadeiras, enquanto o estudante recorria à medida desesperada⁵.

Nos Estados Unidos, o tema virou alvo de campanha fomentando depoimentos de artistas, vítimas de seus próprios colegas nas escolas. Segundo pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) em escolas do Rio de Janeiro, descobriu-se que o padrão brasileiro não difere muito do modelo europeu e do americano quanto ao problema⁶.

Pensamentos suicidas, vingança, medo excessivo, frustração, humilhação, isolamento, ansiedade que pioram em longo prazo, são constantemente identificados em casos de *bullying*. No cenário internacional observaram-se tragédias; um exemplo é a de Columbine no estado de Colorado nos Estados Unidos, em 1999, quando dois adolescentes vítimas de *bullying* suicidaram-se após matar treze dos seus agressores⁷. Fatos desta natureza são observados em diferentes décadas e o cenário dessas agressões no

contexto escolar não muda. Essa epidemia invisível causa prejuízos para vítimas, agressores e testemunhas das ações⁸.

METODOLOGIA

Estudo transversal, descritivo, exploratório com abordagem quantitativa. As informações utilizadas fazem parte do banco de dados da pesquisa intitulada *Transtornos do comportamento alimentar em escolares da cidade do Recife-PE*, pesquisa epidemiológica de base populacional, aprovada pelo comitê de ética em pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE), sob o registro, CAAE – 0203.0.172.000-06, de acordo com a Resolução nº 196/96.

No período de agosto a dezembro de 2007, foram entrevistados 1.507 estudantes da rede pública e privada da cidade do Recife-PE, com idade entre 10 e 14 anos. Para a seleção da amostra, primeiramente foi feito um levantamento do número total de escolas públicas e privadas que ofereciam de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental na cidade do Recife-PE, no ano de 2007, totalizando 674 e 256 escolas, respectivamente. Do total, foram selecionadas por sorteio aleatório 40 escolas, sendo 29 públicas e 11 privadas, visando imprimir a proporcionalidade necessária numa amostra do tipo estratificada. Na segunda e terceira etapa foi selecionado de forma aleatória simples o turno e a turma de cada escola. Posteriormente, foram selecionados 40 alunos por escola mediante uso de uma tabela de números aleatórios; assim, a amostra seria composta por 1.600 estudantes (1.160 escolares da rede pública e 440 da rede privada). Devido a perdas, fizeram parte da amostra 1.507 escolares (1.100 de escolas públicas e 407 de particulares).

No presente estudo foram selecionados e incluídos os estudantes que se autodeclararam vítimas de violência verbal dentro do ambiente escolar, e excluídos aqueles estudantes que não faziam parte deste grupo; assim, a amostra foi composta por 558 adolescentes, o que corresponde a 37% da amostra do estudo inicial.

Foram avaliadas as variáveis sociais – escolaridade do chefe da família e o responsável pelo aluno; econômicas – de acordo com a classificação do Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), que estima o poder de compra das pessoas e famílias, podendo variar de 0 (zero) a 46 pontos, no qual quanto maior a pontuação, melhor o nível socioeconômico, sendo classificado como A1 (42-46 pontos), A2 (35-41 pontos), B1 (29-34 pontos), B2 (23-28 pontos), C1 (18-22 pontos), C2 (14-17 pontos), D (8-13 pontos) e E (0-7 pontos); e as variáveis comportamentais das vítimas de *bullying*, a partir das perguntas: Quando tem proble-

mas na família como eles são tratados? Com quem fala sobre os problemas? Já repetiu de ano? Você se considera tímido? e Você tem facilidade de fazer amigos? Após, realizou-se a comparação entre os estudantes da rede pública e privada de ensino.

Para análise, utilizou-se a média e o desvio padrão para cálculo das variáveis quantitativas. Foi empregado o teste qui-quadrado para homogeneidade das variáveis do estudo, e nos resultados em que as suposições do teste qui-quadrado não foram atendidas, utilizou-se o Teste Exato de Fisher, sendo considerado o nível de significância de 5%. Os dados estão apresentados de forma descritiva, comparando-se os resultados obtidos entre os estudantes da rede pública e privada de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos alunos vítimas de violência verbal (N=558), 414(74,2%) pertenciam a rede pública de ensino e 144(25,8%) a particular. Correspondendo a proporção de 37,6% para a primeira e 35% para a segunda, não havendo diferença significativa para a incidência do *bullying* entre as instituições de ensino. Em Floriano, no Piauí, encontrou-se proximidade no resultado, evidenciando-se 23% e 20% de adolescentes submetidos a esta violência em escolas públicas e privadas, respectivamente⁹.

No sul do país, na cidade de Pelotas, a ocorrência foi de 17,6% entre os 1.075 estudantes de escolas públicas com idade entre 5 e 18 anos¹⁰, e no município de Canoas, no mesmo estado, foi encontrado 13,99% de adolescentes agredidos em escolas particulares de nível fundamental¹¹. Isso mostra números consideráveis para a ocorrência do *bullying* com diferença na incidência do problema entre cidades, mas sem grande distinção entre os tipos de instituição de ensino, sendo os alunos de ambas passíveis de sofrimento.

Tanto na rede pública quanto na privada é mais frequente a presença de alunos do sexo feminino (59,2% e 50,0%, respectivamente); essa igualdade teve

o p-valor não significativo (p-valor = 0,975). Há uma proporção maior de alunos com idade de 10 anos na rede pública (29,7%) e com 11 anos na rede privada (29,2%). O p-valor foi significativo quando todas as idades foram avaliadas.

Quanto ao gênero, os resultados encontrados diferem de outras pesquisas, as quais apontam os meninos como principais vítimas, independente do tipo de escola^{12,13}. Esse fato pode ser justificado por, além de inicialmente os estudos serem voltados a percepção de tais ações entre o gênero masculino, atualmente observa-se que o *bullying* diferencia-se entre esses grupos pela forma em que a agressão é oferecida. Entre os meninos são mais frequentes a forma direta, com agressões físicas, e entre as meninas predomina a maneira indireta, caracterizada por agressões verbais, como insultos e fofoca. Pesquisa que aponta a violência verbal como expressão predominante do *bullying* encontrou maior número de agredidos no gênero feminino¹⁴.

Para a idade, foi identificada uma faixa etária inferior à média do país, podendo referenciar exposição cada vez mais precoce do grupo a atos violentos. Porém, houve similaridade com pesquisa nacional que traduz a tendência em diminuir a sujeição à violência escolar conforme a idade aumenta¹⁵.

Dos entrevistados, 157(33,9%) relataram ter pais analfabetos ou com a 3ª série do ensino fundamental. Comparativamente, obteve-se 155(46%) de pais analfabetos ou com até 3ª série na instituição pública e 50,4% de pais com ensino superior completo entre os estudantes da rede particular de ensino. A mãe era a principal responsável pelo aluno (73,3%) nos dois tipos de escolas, conforme mostra a Tabela 1.

A associação entre escolaridade dos pais e a vitimação do *bullying* não teve significância estatística, assim como discutido em outro estudo¹⁶. As classes econômicas mais frequentes são as C, D e E (70,7%), seguida da classe B (23,2%) e classe A (6,1%). Na rede pública, são mais frequentes as classes C, D ou E (90,1%), e nas

TABELA 1: Distribuição (frequência) das variáveis sociais das vítimas de *bullying*, segundo a Rede de Ensino. Recife/PE, 2007.

Variável	Rede de ensino		Total f(%)	p-valor ^(*)
	Público f(%)	Privada f(%)		
Escolaridade do chefe da família (Pai/mãe)				
Analfabeto/até 3ª série	155(46,0)	2(1,6)	157(33,9)	<0,001
4ª série fundamental	44(13,1)	8(6,3)	52(11,2)	
Fundamental completo	48(14,2)	5(3,9)	53(11,4)	
Médio completo	74(22,0)	48(37,8)	122(26,3)	
Superior completo	16(4,7)	64(50,4)	80(17,2)	
Responsável pelo aluno				
Pai	41(9,9)	37(26,0)	78(14,1)	<0,001
Mãe	316(76,5)	91(64,1)	407(73,3)	
Outros	56(13,6)	14(9,9)	70(12,6)	

(*) p-valor do teste Qui-quadrado para homogeneidade.

instituições privadas a classe B (60,4%) com p-valor < 0,001. A média de pontos obtidos no escore da classificação socioeconômica dos pais do primeiro grupo foi 16,6 (desvio padrão = 4,7) enquanto no segundo, foi de 28,2 (desvio padrão = 7,2). Há diferenciação de poder aquisitivo nos dois tipos de escolas, mas quando verificada a incidência do *bullying* nas diferentes classes sociais, não se encontrou divergência, contrapondo-se a estudo que indica classes menos favorecidas como mais acometidas pelo problema¹⁷.

Avaliando-se a frequência das variáveis comportamentais dos alunos entrevistados, observa-se que 83% gostam de se olhar no espelho, 68,4% avaliam sua aparência positivamente, 94,6% não ingerem bebida alcoólica, 51,1% conversam com alguém quando tem algum problema e neste caso, 46,4% conversam com pessoas da família; 71,8% nunca repetiram de ano, 52,9% se consideram tímidos e 85,5% disseram que têm facilidade de fazer amigos.

Na variável se olhar no espelho, 338(81,6%) dos alunos de colégio público disseram gostar dessa atividade; o mesmo item na rede privada apresentou 125(86,8%). O teste de homogeneidade foi não significativo (p-valor = 0,156) indicando que as distribuições dos alunos que gostam e que não gostam de se olhar no espelho tanto nos colégios públicos como nos privados são semelhantes.

A maioria dos alunos da rede pública (71,4%) e privada (60,0%) considera positiva sua aparência pessoal, seguido de neutra (14,9% e 27,8%) e negativa (13,7% e 12,2%, respectivamente). Nas duas redes de ensino a maioria dos alunos disse não ter prática de consumir bebida alcoólica (rede pública 94,2% e rede privada 95,8%), o teste mostrou homogeneidade nesta variável (p-valor = 0,455).

A avaliação comportamental desses alunos confirma estudo europeu quando relaciona a satisfação da autoimagem e aparência de adolescentes, mostrando inclusive, que os alvos são mais satisfeitos que os agressores¹⁸ e contrapõe-se com outro estudo que afirma que adolescentes com baixa autoestima têm mais tendência a serem vítimas de violência escolar independente da rede de ensino¹⁹, necessitando-se de maiores esclarecimentos sobre o tema.

Os dados encontrados no presente estudo evidenciaram uma pequena parcela em ambos os tipos de escolas que ingerem bebidas alcoólicas; os dados são insuficientes para confirmar relação entre a condição de vítima e o consumo de bebidas alcólicas, mas este pode indicar agravos à saúde mental do grupo. Em Pelotas no Paraná, de 1056 adolescentes, 24,2% dos meninos e 21,7% das meninas fazem uso de álcool. Nacionalmente, observa-se que 18% dos adolescentes com idade média de 13 anos são dependentes de bebidas alcólicas, estando ou não envolvidos com o *bullying*²⁰; assim, a escola torna-se um

lugar ideal para ações de promoção da saúde e prevenção de riscos ao uso de álcool e outras drogas²¹.

A presente investigação afirma ser importante que a família possibilite o diálogo com seus adolescentes, proporcionando-lhes liberdade e autonomia, pois do contrário, forma-se um sujeito passivo em suas interações sociais²², fazendo-o vítima em potencial do *bullying*.

Os dados referentes a conversar sobre problemas mostram uma provável perda de cumplicidade entre a família e o adolescente nas duas instituições de ensino. Em outras investigações não foi possível correlacionar o fato de vítimas de *bullying* serem indivíduos com problemas de relacionamento com a família, mas sim, a fragilidades no vínculo familiar favorecendo o comportamento agressor de adolescentes²³.

O estudo revelou significância estatística o ser repetente, confirmando outras pesquisas que relatam baixo rendimento escolar entre os vitimizados de *bullying*²⁴. Comprovou-se, porém, o fato de que a repetência escolar está mais presente na rede pública que na particular, podendo estar ligado aos diferentes motivos do comprometimento de desempenho escolar no país e não necessariamente à submissão ao fenômeno *bullying*. Não pode se descartar, porém, a possibilidade da associação desse comportamento a danos no desenvolvimento psíquico do adolescente e que a ocorrência do mesmo também esteja relacionada à vitimação do *bullying*.

A timidez é apontada como uma característica predominante entre adolescentes vítimas de *bullying* e como possível fator contribuinte do comprometimento da saúde mental desse grupo, porém não foi observada diferença significativa entre os estudantes de escola pública e privada.

Quanto à capacidade em fazer amigos, ao contrário de pesquisa anterior²⁵, a maioria dos alunos relata ter facilidade neste aspecto. Havendo, porém, predominância dos estudantes de escola pública em relação às instituições privadas. Isso nos mostra que apesar da timidez, a capacidade de relacionamento interpessoal destes mantém-se preservada.

CONCLUSÃO

Ao comparar resultados relativos ao perfil de adolescentes vítimas de *bullying* de escolas públicas e privadas da cidade do Recife-PE, percebe-se que não houve diferença significativa para a incidência de vítimas da violência verbal, o *bullying*, entre os adolescentes das instituições de ensino e mostra características homogêneas entre os sujeitos.

O gênero feminino foi o que referiu maior violência verbal, e a situação socioeconômica mostrou diferenciação de poder aquisitivo nos dois tipos de escolas, mas, a incidência do *bullying*, comparando-

se os adolescentes por escolas públicas e privadas, não teve resultado significativo.

Nas duas instituições, as vítimas gostam de se olhar no espelho e estão satisfeitas com a sua aparência pessoal, porém a repetência revelou significância estatística, mostrando-se mais presente nos estudantes de escola pública e a dificuldade em fazer amigos, nos adolescentes de escola privada.

Conforme exposto, mesmo considerando as limitações impostas aos estudos transversais, que nos oferecem apenas uma percepção pontual da realidade, pode ainda observar-se neste, de base populacional, a vulnerabilidade nos dois grupos estudados, seja na escola pública ou particular, apontando a necessidade de ações profissionais nas áreas de educação em saúde, com suporte para a saúde mental. Desta forma, é relevante considerar que as ações educativas sejam realizadas dentro de uma lógica problematizadora, horizontalizada e interdisciplinar para possibilitar às vítimas um espaço concreto de confiança interpessoal, uma vez que as maiores dificuldades de abordagem às vítimas *bullying* são refletidas pelo silêncio.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (Br). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2006.
2. Costa RF, Carvalho AZT, Fialho AVM, Moreira TMM, Queiros MVO, Jorge MSB. Cuidado de enfermagem ao adolescente: uma análise da produção científica de 2001 a 2007. *Ciênc cuid saúde*. 2010; 9:585-92
3. Ministério da Educação (Br). Proteger para educar: a escola articulada com as redes de proteção de crianças e adolescentes. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília (DF): Ministério da Educação; 2007.
4. Fante C, Pedra JA. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre (RS): Artmed; 2008.
5. Due P, Holstein BE, Lynch J, Diderichsen F, Gabhain SN, Scheidt P, et al. Bullying and symptoms among school-aged children: international comparative cross sectional study in 28 countries. *Eur j public health*. 2005; 15:128-32.
6. Lopes Neto AA, Saavedra LH, organizadores. *Diga não ao bullying*. Rio de Janeiro: ABRAPIA Editora; 2003.
7. Vieira TM, Mendes FDC, Guimaraes LC. De columbine à Virgínia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. *Psicol Reflex Crit [SciELO-Scientific Electronic Library Online]* 2009; 22:493-501. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n3/v22n3a21.pdf>.
8. Palacios M, Rego S. Bullying: mais uma epidemia invisível?. *Rev Bras Educ Med [SciELO-Scientific Electronic Library Online]* 2006; [citado em 10 jan 2012] 30:3-5. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022006000100001&lng=en&nrm=iso
9. Silva Júnior NP. O bullying nas escolas sob a perspectiva dos estudantes de Floriano-PI: um estudo preliminar. *Psicopedagogia*; 2007. [citado em 10 jan 2012] Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=982>
10. Moura DR, Cruz ACN, Quevedo LA. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *J Pediatr. [SciELO-Scientific Electronic Library Online]* 2011; 87:19-23. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572011000100004
11. Calbo AS, Busnello FB, Rigoli MM, Schaefer LS, Kristensen CH. Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. *Contextos Clínicos*. 2009; 2:73-80.
12. Malta DC, Silva MA, Mello FCM, Monteiro RA, Sardinha LMV, Crespo C, et al. Bullying in brazilian schools: results from the national school-based health survey (PeNSE), 2009. *Ciênc saúde coletiva. [SciELO-Scientific Electronic Library Online]* 2010; [citado em 10 jan 2012] 15:3065-76. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/csc/v15s2/a11v15s2.pdf>.
13. Espinheira F, Jóluskin G. Violência e bullying na escola: um estudo exploratório do 5º ano de escolaridade. *Rev Ciênc Humanas e Sociais*. 2009; 6:106-15.
14. Bandeira CM, Hutz CS. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicol esc educ. [SciELO-Scientific Electronic Library Online]* 2012; 16:35-44. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-8557201200100004&lng=en&nrm=iso
15. Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor e Fundação Instituto de Administração. *Bullying escolar no Brasil*. São Paulo: CEATS/FIA; 2010.
16. Moura DR, Cruz ACN, Quevedo LA. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *J Pediatr. [SciELO-Scientific Electronic Library Online]* 2011; [citado em 10 jan 2012] 87:19-23. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572011000100004&lng=en&nrm=iso
17. Pereira ACS, Williams LCA. Os alunos vítimas e autores da violência escolar e a responsabilidade da educação especial. *Rev teoria e prática da educação*. 2008; 11:79-90.
18. Matos MG, Gonçalves SMP. Bullying nas escolas: comportamento e percepções. *Psic., Saúde & Doenças. [SciELO-Scientific Electronic Library Online]* 2009; [citado em 10 jan 2012] 10:3-15. Disponível em: http://www.scielo.org/psicologia/psicologia.pdf?script=sci_arttext&pid=S1645-00862009000100001&lng=en&nrm=iso&ignore=.html
19. Marriel LC, Assis SG, Avanci JQ, Oliveira RVC. Violência escolar e auto-Estima de adolescentes. *Cad pesqui. [SciELO-Scientific Electronic Library Online]* 2006; [citado em 10 jan 2012] 36:35-50. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0336127.pdf>
20. Strauch ES, Pinheiro RT, Silva RA, Horta BL. Uso de álcool por adolescentes: estudo de base populacional. *Rev Saude Publica. [SciELO-Scientific Electronic Library Online]* 2009; [citado em 10 jan 2012] 43:647-55. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v43n4/329.pdf>
21. Lopes GT, Belchior PC, Felipe ICV, Bernardes MM, Casanova EG, Pinheiro APL. Dinâmica de criatividade e sensibilidade na abordagem de álcool e fumo com adolescentes. *Rev enferm UERJ*. 2012; 20:33-8.
22. Lemos ACM. Uma visão psicopedagógica do bullying escolar. *Psicopedagogia. [SciELO-Scientific Electronic Library Online]* 2007; 24(73):68-75. [citado em 10 jan

- 2012] Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862007000100009&script=sci_arttext
23. Campos HR, Jorge SDC. Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. Em aberto, Brasília. 2010; [citado em 10 jan 2012] 23:107-28. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1636/1302>
24. Grossi PK, Santos AM. Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brazil. Rev Port de Educação. [Scielo-Scientific Electronic Library Online]2009; [citado em 10 jan 2012] 22:249-67. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpe/v22n2/v22n2a11.pdf>
25. Almeida KL, Silva AC, Campos JS. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. Rev Pediat. 2008; [citado em 10 jan 2012] 9:8-16. Disponível em: <http://www.msebrasil.org/upload/arquivos/bullying.pdf>